



ORGANOGRAMA OFICIAL CARNAVAL VIRTUAL 2019

Liga Independente das Escolas de Samba Virtuais - LIESV

*Presidente: Ewerton Fintelman
Vice Presidente Administrativo: Murilo Sousa
Vice Presidente Artístico: João Salles*

C.C.V Cangaceiros



PRESIDENTE

Ewerton Fintelman

“Um Brasil, Muitas Áfricas”

CARNAVALESCO

Everton Santana

*Tema-Enredo (Título do enredo e subtítulos se houverem)**

Um Brasil, Muitas Áfricas

*Carnavalesco**

Everton Santana

*Autor(es) do Enredo**

Vitor Manoel e Everton Santana

*Elaborador(es) do Roteiro do Desfile**

Everton Santana

*Outras Informações Julgadas Necessárias (fontes de consulta, livros etc)**

Sites Diversos

SINOPSE DO ENREDO

Introdução

De que África teria saudades um africano no Brasil? De sua aldeia, certamente, ou do bairro da cidade onde passou sua infância. No Brasil, deixara de ser conhecido por sua terra natal, pelo seu clã, pelo nome que o seu povo dava a si mesmo ou recebia dos vizinhos. Exceto para ele e para os conterrâneos ou vizinhos que encontrava no exílio, não era mais um iaca, auori ou gun: passara a ser chamado angola, nagô ou mina, e africano, e negro. Na fazenda ou na cidade onde penava, podia haver quem falasse o seu idioma ou outro próximo, e até quem fosse de seu vilarejo e seu malungo, ou companheiro de barco na travessia do Atlântico. Por toda parte, porém, encontrava gente estranha, de outras Áfricas que não a sua, com tradições, crenças, valores, costumes, saberes e técnicas diferentes. Este, em sua terra, andava de camisolão até os pés e gorro na cabeça, aquele não tinha mais do que um pano entre as pernas, amarrado na cintura. Aqui, as mulheres entrançavam os cabelos com contas e conchas; ali, cobriam a cabeça com véu ou turbante; acolá, raspavam o crânio. Um vestiam-se apenas com miçangas, outras com bubus, ou envolviam o corpo com panos coloridos, e todas exibiam muitos colares e argolas nos braços e nos tornozelos.

Sinopse

Cada um de nós não domina mais do que uma pequena parcela de sua cultura. Nem todos os sossos da Guiné e outros africanos que produziam ferro de alta qualidade sabiam operar um forno ou uma forja, mas alguns poucos, sim. No Brasil, os que já eram ferreiros ou apenas conheciam rudimentos do ofício construíram fornos conforme o modelo predominante em sua terra. Isso explica o fato de terem existido fornos tão diferentes em Minas Gerais, às vezes a pouca distância uns dos outros.

Os africanos não se restringiram a ser os pioneiros da metalurgia de ferro no Brasil. Desde muito acostumados à cata do ouro? Do qual, durante séculos, algumas regiões como o Rio Falemé, o Alto Níger, o país acã e o planalto de Zimbábue foram os principais fornecedores da Europa e do mundo muçulmano? Trouxeram com eles as técnicas da bateia e de escavação de minas. Alguns eram bons ourives, que criavam, na África, jóias de grande beleza, como as dos axantes, e passaram a fazê-las com novos modelos no Brasil.

Sabiam como criar o gado fora dos estábulos, solto no campo, e o foram multiplicando e espalhando savanas afora, savanas muito semelhantes às que haviam deixado na África. Pouco valia no Brasil as lições dos campinos do Ribatejo, e muito as dos fulos (ou fulanis) e hauçás (ou haussás). Como as práticas agrícolas portuguesas lhes foram impostas, só puderam plantar do modo a que estavam acostumados em suas pequenas roças e nos quilombos. Apesar disso, aqui e ali aplicaram os seus saberes, como os balantas e outros negros da Alta Guiné no cultivo do arroz no Maranhão. E trouxeram para o país muitos vegetais, como o dendê, a malagueta, o maxixe e o quiabo, básicos na cozinha brasileira, que enriqueceram com novas comidas. Assim como ocorria na África, as mulheres iam vendê-las nas ruas. E continuam a fazê-lo até hoje, em Salvador como em Lagos, e a fritar o acarajé num fogareiro, diante do freguês.

Aos africanos deve-se também que se tenham produzido, sobretudo nas grandes propriedades rurais, e ao arrepio das proibições régias, tecidos para uso dos escravos, em teares extremamente simples, horizontais ou verticais, conforme a região de origem do tecelão ou da tecelã. Repetiu-se aqui o que sucedera no arquipélago de Cabo Verde, grande exportador de panos, onde os portugueses esqueceram os teares europeus em favor dos africanos.

A cabana em que vivia esse tecelão era construída como na África: as paredes de sopapo e o teto de folhas de palmeira ou de capim. Ainda que competindo com o mocambo de palha de tradição ameríndia, a morada do pobre no Brasil seria, durante muito tempo, de sopapo, à africana, e não de taipa de pilão ou de pedra, como em Portugal. Não prosperaram aqui as cabanas cônicas; impôs-se a de planta quadrada, com teto em duas águas, que, no Brasil, ganhou janela. Já a casa dos ricos, trazida de Portugal, recebeu da África do Oeste, e talvez também da Índia, o alpendre na frente ou nos fundos, e nele, lá como cá, passava-se boa parte da vida.

Nessas varandas, as crianças ouviam os relatos fantásticos de diferentes nações africanas, cujos personagens e enredos se mesclavam entre si e com os ameríndios e europeus, de tal modo que se tornava difícil separar o Curupira dos tupis do moatia dosaxantes, pois ambos, do tamanho de anões, tinham os pés virados para trás e eram os senhores dos animais selvagens. Vindos da África, bichos-papões, jogos e brinquedos desembarcaram no Brasil. E lembranças de desfiles de reis, com seus enormes guarda-sóis coloridos, que, no Brasil, se reproduziram nos maracatus, nas congadas e nos reisados.

Nesses desfiles reais, ouviam-se tambores, agogôs, pífanos e numerosos outros instrumentos que eram deles e são nossos. Esses instrumentos animavam as festas nos dois lados do Atlântico, com ritmos e melodias que se foram transformando, ao se entrelaçarem com as européias, na nossa música.

Não se dançava na África apenas pela alegria do convívio. Dançava-se também para reverenciar os deuses e recebê-los na alma. Foram muitas as religiões que atravessaram o oceano, pois cada povo tinha a sua. Algumas absorveram outras crenças ou foram por elas absorvidas, gerando novos sistemas religiosos, como a umbanda. Outras não deixaram vestígios. Mas a uma das religiões trazidas da África, a dos orixás, converteram-se em grande número, principalmente no Brasil e em Cuba, pessoas de outras origens, e o que era a religião dos iorubás tornou-se uma religião universal.

Por iorubás passaram a serem designados, desde a metade do século XIX, diferentes grupos que, na atual Nigéria, na República do Benim e no Togo, falam a mesma língua, embora com variações dialetais, possuem culturas semelhantes e se aglutinavam em torno de cidades-estado, compartilhando muitas tradições, ainda que em alguns casos pudessem ser diferentes e até mesmo conflitantes. Tidos como iorubás (e, no Brasil, também nagôs), sabiam-se oiós, ifés, egbas, aoris, quetos, ijexás, ijebus, equitis, ondos, igbominas ou de outras nações. Assim também os falantes de quimbundo, os ambundos de Angola, compreendiam vários grupos com dialetos e culturas diferenciados, entre os quais andongos, dembos, hungos, quissamas, songos, libolos e bângalas.

Os vários grupos iorubás e, ainda mais, os ambundos tiveram grande importância na formação do Brasil. Mas foram apenas parte de um grande coro, composto de gente de quase toda a África subsaariana. De certas regiões vieram números enormes; de outras, pouquíssimos. Houve quem fosse obrigado a longuíssimas viagens, do centro do continente até os portos litorâneos, e se conhecem casos de cativos feitos a oeste do Rio Cuanza e embarcados em Moçambique.

Enriquece o quadro saber-se que havia ligações preferenciais entre portos brasileiros e africanos. O Rio de Janeiro, por exemplo, vinculava-se, sobretudo aos portos de Angola, Congo e Moçambique, e recebia, por isso, não só pessoas dos diferentes grupos ambundos, mas também, entre muitos outros, congos, sossos, iacas, vilis, huambos, lubas, galanges, bailundos, luenas, macuas e tongas. Salvador comerciava intensamente com o golfo do Benim, e em seus portos embarcavam fons, iorubás, mahis, ibos, ijós e efiques, além de indivíduos das savanas mais ao norte, hauçás, nupes (ou tapas), baribas e bornus. De São Luís do Maranhão ia-se com facilidade à Alta Guiné, e de Cacheu e Bissau lhe chegaram mandingas, banhuns, pepeis, felupes, balantas, nalus e bijagós.

Para o Brasil foram trazidos africanos de mais de uma centena de povos diferentes. Muitos deles já se conheciam na África, por serem vizinhos ou terem comércio entre si. Um gã se entendia com os evés, os

acuamus e os auoris, que viviam na mesma região e tinham costumes parecidos, e talvez até mesmo com os hauçás que se aproximavam do litoral para comerciar, pois era comum que um africano falasse mais de um idioma: o seu e outro ou outros que aprendera no convívio do mercado ou com as esposas de seu pai, algumas delas estrangeiras. E as diferenças eram compensadas pelas semelhanças, em processos contínuos de mestiçagem física e cultural. Algumas vezes, dois ou mais povos se entrelaçavam e criavam um novo, como fizeram os africanos que foram conformadores do Brasil.

Autoria do Samba-Enredo*

Bruno Pontes e Cuca Peretto

Letra do Samba-Enredo (repetições devem ser destacadas e em negrito)*

Mãe, de todas mães, ouça bem essa prece
 Teu filho em oração nesse solo padece
 Guerreiros pioneiros na Guiné
 No Alto Níger em busca do ouro
 Saberes repartidos pelo campo
 No Maranhão cultivam esse tesouro
 Vieram de outro mar, trazendo seu encanto
 Cabanas pra morar, criaram sua raiz
 São tantas Áfricas em um país

Corre na varanda e venha ver a vida
 Brotar na mata, o folclore é tradição
 Bordando os sonhos, espalhando a magia
 Transforma em arte que colore esse chão

Corre na varanda e venha ver a vida
 Brotar na mata, o folclore é tradição
 Brotando os sonhos, espalhando a magia
 Transforma em arte que colore esse chão

Cruzou o oceano, a força da fé
 Sementes formando uma só nação
 Queto, Egbas, Ijexás, Ifé
 Desembarcaram com sua religião
 Em cada cidade
 Que aportaram tantos povos diferentes
 Hoje saúdam sua gente, exaltando sua luta
 E o mesmo cais
 Agora abraça cada herdeiro dessa história
 E de mãos dadas segue a entoar
 O mesmo canto que ficou na memória

Ô, ô, ô ô, eu sou negra, resistência de valor
Ô, ô, ô ô, eu sou guerreira, Cangaceira sim senhor!

Defesa do Samba (se a escola julgar necessário)

ROTEIRO DO DESFILE

*Número de elementos de desfile (Número de alas; de carros alegóricos; de tripés e quadripés, incluindo os utilizados pela comissão de frente, se houver; de casais de mestre-sala e porta-bandeira; de destaques de chão e afins, se houver) **

Alas – 20

Alegorias – 4

Tripés e/ou Quadripés – 1

Mestre Sala e Porta Bandeira – 1

Guardiões de Casal de MS & PB – 0

Destaques de Chão – 0

*Organização dos elementos de desfile (a setorização é obrigatória; alas obrigatórias devem ser devidamente discriminadas) **

Setor 1 – África, Terra do Ferro e do Ouro

Comissão de Frente – Pioneiros do Ferro no Brasil

Alegoria 01 – África, Braço de Ferro

Ala 01 – Uma África em Ouro

Setor 2 – Povos e Nações Africanas

Ala 02 – Comerciantes Negros

Ala 03 – Savana Brasileira

Ala 04 (Ala Mista) – Falanís e Haussás

Ala 05 (Ala das Baianas) – As Tecelãs

Alegoria 02 – Nações Africanas

Ala 06 – Cabo Verde, Exportador de Panos

Setor 03 – Festa e religiosidade

Rainha da Bateria (Amanda Mattos) – Embaixadora da Folia

Ala 07 (Bateria) – Reisado

Ala 08 – Senhores dos Animais Selvagens

Ala 09 – Ao Som dos Tambores

Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (Ademar e Zita) – Reverenciamento aos Deuses

Alegoria 03 – Religiões Africanas

Ala 10 – Os Iorubás, Religião Universal

Ala 11 – Oferendas aos Deuses

Ala 12 – Sabedoria dos Velhos (Orixás Velhos)

Ala 13 (Ala das Crianças) – Orixá Exu Mirim

Ala 14 – Cortejo de Fé (Pai e Mãe de Santo)

Setor 04 – Um Brasil, Muitas Áfricas

Quadripé – Navio Negreiro

Ala 15 – Os Embarcados

Ala 16 – Portos Brasileiros




Ala 17 – Rio de Janeiro: Ligação dos Portos




Ala 18 (Ala das Musas) – Samba da Miscigenação

Ala 19 (Ala Gay) – Resistência Sempre





Ala 20 – Não ao Racismo





Alegoria 04 + Velha Guarda – Conformadores do Brasil


Criador(es) dos Desenhos*	
Nome(s) do(s) artista(s)*: Everton Santana	
Nome do Elemento	O que representa
Comissão de Frente – Pioneiros do Ferro no Brasil	<p>Africanos, mesmo com a febre do ouro no Brasil, conseguiram ser os pioneiros do ferro no país.</p>
	
Alegoria 01 – África, Braço de Ferro	<p>Alegoria representa a força do negro na descoberta do ferro, a força humana nas metalúrgicas.</p> <p>Destaque de cima principal: Fundição do Ferro Composições: Ferreiros</p>
	
Ala 01 – Uma África em Ouro	<p>Africanos que trabalhavam em minas de ouro, buscando trazer mais riquezas e proporcionar uma vida melhor para sua família. Não só se vivia do ferro.</p>
	
Ala 02 – Comerciantes Negros	<p>Negros que usavam do comercio para sobreviver,</p>





	<p>vendendo ouro, alimentos, artesanatos.</p>
<p>Ala 03 – Savana Brasileira</p>	<p>Mais conhecido como Cerrado, são áreas com árvores, arbustos e vegetação rasteira e com animais como veados, crocodilos e outros.</p>
	
<p>Ala 04 (Ala Mista) – Falanís e Haussás</p>	<p>Povos que viviam das criações de animais, plantações de cana de açúcar e outros.</p>
	
<p>Ala 05 (Ala das Baianas) – As tecelãs</p>	<p>Senhoras artesãs da África, onde até hoje são produzidos belíssimos tecidos conhecidos pelo mundo todo.</p>

	
<p>Alegoria 02 – Nações Africanas</p>	
	<p>A África é um continente que pode ser chamado de berço da humanidade. Estudos apontam que foi nesse continente que o Homem apareceu e iniciou sua diáspora pelo mundo.</p> <p>Destaque principal: Mãe África Composições: Perolas Negras</p>
<p>Ala 06 – Cabo Verde, Exportador de Panos</p>	
	<p>Cabo Verde, país grande exportador de panos, onde os portugueses esqueceram os teares europeus em favor dos africanos.</p>
<p>Rainha de Bateria (Amanda Mattos) – Embaixadora da Folia</p>	
	<p>A nossa rainha de bateria Amanda Mattos vem trajada como a embaixadora da folia: a representação das festividades de origem africana que aportaram no Brasil.</p>
<p>Ala 07 (Bateria) – Reisado</p>	<p>Tipo de auto natalino surgido no final do século XIX,</p>

	<p>difundindo-se no Norte e Nordeste, constituído de um figurante acompanhado por um coro cantando peças em sequência; reisada.</p>
<p>Ala 08 – Senhores dos Animais Selvagens</p>	<p>Curupira dos tupis do moatia dosaxantes, tinham os pés virados para trás.</p>
	
<p>Ala 09 – Ao Som dos Tambores</p>	<p>Instrumento que animava festas e rituais africanos.</p>
	
<p>Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (Ademar e Zita) – Reverenciamento aos Deuses</p>	<p>Os fiéis reverenciam os deuses com danças e músicas, para recebê-los em suas festas e rituais.</p>
	
<p>Alegoria 03 – Religiões Africanas</p>	<p>As religiões tradicionais africanas, também referidas</p>

	<p>como religiões indígenas africanas, englobam manifestações culturais, religiosas e espirituais originárias do continente africano e que continuam sendo praticadas nesse continente nos dias atuais, como a umbanda e o candomblé.</p> <p>Destaque principal: Pontos dos orixás Composições: Filhas de Santo</p>
<p>Ala 10 – Os Iorubás, Religião Universal</p>	<p>As religiões trazidas da África, como a dos orixás, converteram-se em grande número, principalmente no Brasil e em Cuba.</p>
	
<p>Ala 11 – Oferendas aos Deuses</p>	<p>Alimentos, objetos, sangue, sacrifícios oferecidos aos deuses africanos, para buscar cura, dinheiro, amor, saúde.</p>
	
<p>Ala 12 – Sabedoria dos Velhos (Orixás Velhos)</p>	<p>Pretos Velhos, símbolos de sabedoria, conhecimento e cura.</p>
	
<p>Ala 13 (Ala das Crianças) – Orixá Exu Mirim</p>	<p>Os Exus Mirins são espíritos que atuam na linha da esquerda da Umbanda. São popularmente chamados de</p>

	<p>"crianças da esquerda".</p>
<p>Ala 14 – Cortejo de Fé (Pai e Mãe de Santo)</p>	<p>Os Pais e Mães de Santo são figuras que enfrentam diversas limitações para darem continuidade às suas raízes espirituais, e ao auxílio à diversas pessoas com todo seu conhecimento abençoado pela sabedoria e poder dos Orixás.</p>
	
<p>Quadripé – Navio Negreiro</p>	<p>Navio negreiro era o nome denominado para os navios de carga para o transporte de escravos, especialmente os escravos africanos, até o século XIX.</p>
	
<p>Ala 15 – Os Embarcados</p>	<p>Negros que eram escravizados, transportados em Navios</p>

	<p>para outros países, acorrentados, torturados e, muitas das vezes, mortos.</p>
<p>Ala 16 – Portos Brasileiros</p>	<p>Até o Século XIX, os portos brasileiros serviram como pontos de ligação entre o Brasil e o continente africano.</p>
	
<p>Ala 17 – Rio de Janeiro, Ligação dos Portos</p>	<p>Os portos do Rio de Janeiro vinculavam-se, sobretudo, aos portos de Angola, Congo e Moçambique, e recebiam, por isso, não só pessoas dos diferentes grupos ambundos, mas também, entre muitos outros, congos, sossos, iacas, vilis, huambos, lubas, galangues, bailundos, luenas, macuas e tongas.</p>
	
<p>Ala 18 (Ala das Musas) – Samba da Miscigenação</p>	<p>A miscigenação consiste na mistura de raças, de povos e de diferentes etnias. Assim, multirraciais ou mestiças são as pessoas que não são descendentes de uma única origem.</p>
	
<p>Ala 19 (Ala Gay) – Resistência Sempre</p>	<p>A homofobia é a repulsa ou aversão aos homossexuais. O preconceito em muitas sociedades impede que gays</p>

	<p>possam exercer livremente a sua cidadania ou viver em segurança. Alvos de discriminação, são constantemente ameaçados com insultos ou agressões físicas que muitas vezes levam à morte. Homenageamos nessa ala a vereadora Marielle Franco, uma parlamentar que sempre lutou pelos direitos da comunidade LGBT, e que hoje é, e sempre será, um dos maiores símbolos de resistência do movimento.</p>
<p>Ala 20 – Não ao Racismo</p>	
	<p>O racismo consiste no preconceito e na discriminação com base em percepções sociais baseadas em diferenças biológicas entre os povos. Muitas vezes toma a forma de ações sociais, práticas ou crenças, ou sistemas políticos que consideram que diferentes raças devem ser classificadas como inerentemente superiores ou inferiores com base em características fisiológicas. Uma sociedade civilizada deve sempre se opor a atos racistas e sempre buscar a igualdade entre raças.</p>
<p>Alegoria 04 + Velha Guarda – Conformadores do Brasil</p>	
	<p>Para o Brasil foram trazidos povos, muitos deles de ascendência africana, onde fizeram parte do crescimento do país e que até hoje lutam pelos seus direitos e reconhecimentos.</p>

*Nome Completo da Escola**

Clube Carnavalesco Virtual Cangaceiros

*Presidente Administrativo da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)**

Ewerton Fintelman

*Carnavalesco(a)/Comissão Carnavalesca da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)**

Everton Santan

*Intérprete(s) da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)**

Millena Wainer

*Demais Membros Internos da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual e respectivo cargo na escola, se houver)**

Erick Silva – Vice-Presidente

*Autores do Samba-Enredo da Escola**

Bruno Pontes e Cuca Peretto

*Data de Fundação da Escola**

15/11/2011

*Cores da Escola**

Verde e Rosa

*Símbolo da Escola**

Carcará

*Texto de Apresentação da Escola (máximo de 05 linhas)**

O Clube Carnavalesco Virtual Cangaceiros foi fundado a 15 de novembro de 2011, inicialmente pelo nome de GRESV Cangaceiros de Jaboaão, principalmente para atender a uma vontade do José Mauro da Silva, que compõe sambas enredo em algumas escolas da LIESV. As cores da escola são em homenagem a escola de

samba carioca Mangueira. Seu nome é ligado diretamente à homenagem os cangaceiros.

*Título do Enredo**

Um Brasil, Muitas Áfricas

*Autor do Enredo**

Vitor Manoel e Everton Santana

*Breve Resumo do Enredo (máximo de 10 linhas)**

Para 2019, a Cangaceiros mostrará a influência da cultura africana no Brasil, mostrando que, dentro do Brasil, existem muitas áfricas. Iremos mostrar isso desde a cultura, passando pela religião e culminando na união dos povos, mostrando que o Brasil é um país que concentra várias áfricas. É, acima de tudo, uma declaração de amor a esse continente que foi o berço da humanidade.

**Tudo que estiver em asterisco É OBRIGATÓRIO. Seu não preenchimento acarretará na perda de 0,1 pontos de acordo com o Regulamento Oficial LIESV 2019.*